



A MULHER COMO NOME-DO-PAI: O MANEJO DO EMPUXO-À-MULHER NA CLÍNICA DA PSICOSE

Fernando Spillere¹

Felipe Brognoli²

Resumo

O interesse na pesquisa descrita nesse artigo surgiu a partir do acompanhamento do caso de um usuário da rede de saúde mental, que chamaremos de D., cuja percepção de se tornar uma mulher e o ato de desenhar repetidamente a figura feminina, ambas características marcantes em sua trajetória, nos levou ao estudo do que Jacques Lacan chamou de empuxo-à-Mulher – a feminização delirante na psicose, exemplificada de forma paradigmática na psicanálise com o caso Schreber. Apesar de, no caso D., em um primeiro momento a feminização ter se vinculado a uma experiência de desencadeamento que o conduziu a internação, D. conseguiu, com o passar do tempo, construir uma série de recursos para manejar o empuxo de modo a usufruí-lo como via de estabilização. Diante desse potencial duplo, nossa pesquisa visa analisar o caso descrito para melhor situar as questões que envolvem o manejo do empuxo-à-Mulher como suplência na clínica da psicose, em especial sua relação com a metáfora paterna.

Palavras-chave: Psicanálise. Sexuação. Psicose. Nome-do-Pai. Empuxo-à-Mulher.

¹Titulação: Graduando em Psicologia. Instituição Atual: Faculdade CESUSC. E-mail: fspillere@hotmail.com

²Titulação: Mestre em Antropologia Social. Instituição Atual: Faculdade CESUSC. E-mail: felbrognoli@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

“Uma verdade da experiência, para a análise, é que a questão de sua existência coloca-se para o sujeito, não sob a feição da angústia que ela suscita no nível do eu, e que é apenas um elemento de seu cortejo, mas como uma pergunta articulada: ‘Que sou eu nisso?’” (LACAN, 1958a, p. 555)

Jacques Lacan renova a teoria psicanalítica a partir do conceito de significante, que adota da linguística e aproxima, na obra freudiana, à noção de *Vorstellungsrepräsentanz*, termo que propõe traduzir por “representante da representação”. Ao situar o inconsciente no campo do Outro como linguagem, concebe-se um sujeito cujo centro não se encontra mais nele mesmo – ou seja, em uma instância interna, biológica ou psicológica – mas que responde pela via Outra do significante, exterior a si, a questão de seu próprio ser. É na dimensão do significante, portanto, que passam a ser entendidas as estruturas clínicas e seus processos dinâmicos.

Por esse ponto de vista, a estrutura psicótica pode ser examinada mais rigorosamente na sua relação com a linguagem e entendida como consequência da forclusão (*verwerfung*) de um significante no Outro.

“A verwerfung será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que (...) é chamado o Nome-do-Pai, pode, pois, responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondendo no lugar da significação fálica.” (LACAN, 1958a, p. 564)

Entre os efeitos dessa operação está a percepção de *feminização* experimentada por alguns sujeitos psicóticos, o que é dramaticamente retratado no caso Schreber em seu processo de tornar-se a Mulher de Deus (FREUD, 1911). A leitura de Freud da experiência de feminização em Schreber comporta limitações, exemplificadas pelo foco na sua suposta homossexualidade a qual as considerações de Lacan proporcionam uma crítica. A homossexualidade e particularmente a transexualidade podem, ao olhar do clínico, confundir-se com fenômenos da estrutura psicótica, seja ao tomar, por exemplo, um psicótico por homossexual, ou um/uma transexual por psicótico. Daí a necessidade da qual nos lembra Lacan de, na análise de uma estrutura subjetiva, sempre privilegiar o discurso. Nesse caso, é no discurso do sujeito que será possível diferenciar algo específico à psicose, o *empuxo-à-Mulher*, efeito de seu déficit simbólico na relação com o Outro.

O empuxo-à-Mulher, conceito que será melhor delineado mais adiante, tem em si, como observa-se na primeira etapa do caso Schreber, o potencial de provocar o desencadeamento, e podemos supor que esse risco se acentua à medida que são feitas confusões como as citadas acima, seja no contexto do atendimento individual, seja no da clínica ampliada e nos trabalhos de grupo. Com a leitura lacaniana é possível extrair noções que podem orientar a diferenciação do empuxo-à-Mulher e a contenção de seu efeito desestabilizador para, de forma inversa, utilizar-se do próprio movimento do empuxo como via de estabilização. A partir de considerações teóricas pautadas no caso Schreber, seguida de um relato de caso, chamado aqui de caso D., e de uma análise de pesquisas realizadas na área, se procurará pontuar, a partir da lógica do significante, o que está em jogo no fenômeno de feminização na psicose.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No seu texto *O aturdito* (1973), Lacan cunhou o termo empuxo-à-Mulher para nomear um efeito típico da estrutura psicótica que havia sido descrito na literatura psicanalítica pela primeira vez em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911), isto é, quando Freud abordou o tema das psicoses em sua análise da autobiografia de Daniel Paul Schreber, eventualmente relida por Lacan.

Juiz alemão nascido em 1842, Schreber escreveu seu relato com o intuito de recorrer judicialmente à liberdade, posto se encontrar internado na clínica psiquiátrica da Universidade de Leipzig com um quadro de paranoia. Sua ação foi aprovada e recebeu alta em 1902 depois de quase uma década de asilamento. A fase de sua história clínica que Schreber narra na obra havia sido precedida de outra, quando buscara tratamento em 1884 e recebera o diagnóstico de hipocondria, e foi seguida de uma nova, em 1907, que o levou mais uma vez à internação, onde permaneceu até sua morte em 1911.

Como nos conta o próprio Schreber, vivia uma vida conjugal e profissional convencionais para seu tempo, e recentemente havia tido a honra de ser promovido a presidente do Tribunal de Apelação, sendo sua única queixa o fato de seu casamento não ter gerado filhos até ali. A irrupção da paranoia foi como que prenunciada por um pensamento que lhe ocorreu em um período em que sua esposa viajava, mais precisamente em um determinado dia quando, por ter acabado de acordar, encontrava-se no estado entre sono e vigília. Para sua grande perturbação, não conseguiu evitar a ideia, percebida por ele como invasiva, de que afinal de contas “deve ser muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula”.

Na primeira etapa de sua paranoia, passou a afirmar ser perseguido pelo médico que o havia avaliado anteriormente, Dr. Flechsig, e que este de longe maquinava para transformar forçosamente seu corpo em um corpo feminino, tendo fins de violação e para em seguida “largá-lo como um objeto” – experiência que Schreber temia como repulsiva e contrária ao que chamava “Ordem do Mundo”. Confirmando sua crença, observava-se em intenso sofrimento ser fisicamente convertido em mulher no que considerava um processo de “emasculação”. Essa primeira etapa foi marcada por uma deterioração de seu estado psíquico – ora se via como a única pessoa na Terra que havia restado viva, ora ele mesmo era um cadáver em putrefação.

À medida que elaborava seu delírio, construção do psicótico que desde Freud a psicanálise entende como tentativa de cura e via de estabilização (FREUD, 1911), as ideias que ocupavam Schreber foram sofrendo certas modificações, sendo a mais marcante a substituição de Flechsig por Deus no lugar de agente da emasculação. Essa mudança provocou um reposicionamento de Schreber no que concernia seu suposto destino. Se antes seria emasculado e violado pelo prazer gratuito do médico, agora deveria, em um futuro indeterminado, tornar-se “A Mulher de Deus”, com quem geraria uma nova raça de homens, em conformidade com a “Ordem do Mundo”. Do coito divino se permitia inclusive retirar uma parcela de prazer, em compensação pelo sofrimento experimentado. A partir dessa operação no delírio, Schreber atinge a estabilização, de modo que escreve sua autobiografia como recurso jurídico e deixa a clínica psiquiátrica.

Freud (1911) passou a situar no pensamento invasivo que ocorreu a Schreber o início do quadro de paranoia. Visto certas características da situação, interpreta o evento como se tratando do fracasso da repressão que havia de ter sido efetuada sobre a representação de um desejo homossexual, agora possibilitada no pensamento já citado e eventualmente manifesta a partir de Flechsig e Deus. Pela repetição que ele e seus colegas observavam em casos semelhantes, Freud teorizou que um conflito nesse modelo seria uma das causas possíveis da paranoia, interpretando diversos enunciados presentes em delírios paranoicos como variações,

no caso de pacientes do sexo masculino, da frase “eu o amo” (como “ele me odeia”, no delírio de perseguição, ou “ela o ama”, no delírio de ciúme).

Lacan (1958a), por sua vez, parte de uma formulação da psicose em termos de estrutura subjetiva. Se é estrutural no sujeito, a psicose já estava posta para Schreber antes de suas primeiras ocorrências clínicas (a fase da hipocondria), e permaneceria assim independente dele ter vindo ou não a apresentar algum sintoma elementar (delírio, alucinação, etc.). A estabilidade de seu período pré desencadeamento era garantida por um certo número de recursos, comparados por Lacan a bengalas imaginárias, que haviam se tornado insuficientes devido a características da situação que se encontrava, mais notadamente a nomeação ao cargo de presidente da corte, a viagem da esposa e a relação com Flechsig durante seu primeiro tratamento. A feminização delirante de Schreber é, nesse caso, para Lacan, a manifestação de um efeito de estrutura.

Cabe notar que o processo de se tornar “homem” ou “mulher” é postulado por Lacan como um posicionamento simbólico do sujeito, acompanhando o afastamento, já iniciado por Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), entre o desenvolvimento da sexualidade e suas raízes biológicas. Lacan havia esclarecido em *O estádio do espelho como formador do eu* (1966) que a constituição da identidade, “irredutível para o indivíduo isolado” (LACAN, 1966, p. 98), tem sua gênese desde o exterior, a partir da identificação imaginária com a imagem especular do semelhante. Imagem de um eu-ideal que, em sua ficção de unidade, própria da *gestalt*, rivaliza a fragmentação experimentada subjetivamente. Nesse cenário, o sujeito se esforçará, ainda que sem sucesso, em realizar por completo a identificação com o eu-ideal, sua síntese perfeita, fazendo do eu “esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural – passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural” (LACAN, 1966, p. 102).

Essa intermediação cultural da sexualidade enfim se dará na assunção pelo sujeito de uma identificação simbólica com o significante (o que lhe permite situar-se como “homem”, “mulher”, “pai”, “mãe”, etc.), um Ideal do Eu que normaliza e suplementa as instáveis identificações imaginárias, tendo para elas a função de um norte, uma resposta apenas parcial, mas suficientemente apaziguadora para a pergunta “quem sou eu no desejo do Outro?”. A mediação do Ideal do Eu é, portanto, possibilitada pela emergência da significação fálica (LACAN, 1958b), quer dizer, a metaforização do falo, objeto imaginário do desejo do Outro, pelo Nome-do-Pai, significante com que esse desejo é nomeado. É aqui que o Outro, de absoluto, passa a ser barrado, aqui que se atenta para sua falta estrutural – se à nível imaginário a realização narcísica de tornar-se Um com o Outro parece sempre ao alcance, com a inclusão do significante no campo da sexualidade, promove-se uma diferenciação irreversível. Eis o dilema da castração.

O famoso enunciado de Lacan de que “Não há relação sexual” (1973, p. 454) atenta para esse fato de não haver relação de simetria entre os sexos. A questão do sexo, sendo da ordem simbólica, situa-se justamente a partir da diferença, já que é pela diferença uns dos outros que os elementos em uma estrutura simbólica se definem. No mesmo enunciado, lê-se que, também por efeito da linguagem, não há complementariedade ou encaixe ideal na sexualidade humana, o que implica ao sujeito o veto a uma relação de completude com o objeto, tema sobre o qual Lacan discorre no *Seminário IV* (1956/1957). A partilha dos sexos é em si uma tentativa de compensar esse impossível, tentativa na qual um sexo vai mascarar-se de falo, em sua dimensão imaginária de objeto, para um outro que é simbolicamente suposto tê-lo, nesse teatro cuja lógica é antecipar uma completude que na verdade nunca chega. “Não há nenhum exagero, no que concerne o que a experiência nos oferece, em situar na questão central de ser ou de ter o falo, a função que supre a relação sexual” (LACAN, 1973, p. 457)

Quando refina suas ideias sobre a sexuação, Lacan (1972/1973) vai acrescentar à questão do sexo sua teoria sobre o modo predominante de gozo que o sujeito estabelece conforme a posição que tenha vindo a ocupar nessa cena. No mito da diferença sexual, embora cada um assuma seu lugar a partir da significação fálica, um lado, o *todo*, se diferencia por estar sustentado na existência de uma exceção, há Um que escapa à castração, que é aquele que opera como Ideal. Todos os membros do conjunto, embora castrados, se referenciam ao modelo desse Ideal simbólico, carregam sua insígnia.³ É *todo* fálico por ser *todo* representado pelo significante, contido por ele, e isso se expressa em seu gozo que passa a se localizar no órgão à que se venha equiparar essa função simbólica.

O outro lado, *não-todo*, se caracteriza por não possuir uma exceção, não há nenhum que escapa a castração, e é, logo, apenas representado pelo significante de forma parcial, visto que sua referência a ele se caracteriza exclusivamente por uma negação. Ele vai ser o Outro sexo, aquele para o qual não há plena representação, não se organizando propriamente em um conjunto fechado. Já que não pode ser localizado por inteiro no significante, o gozo se manifesta no corpo de forma difusa e não se fixa a nenhum ponto em particular. Ainda assim, a significação fálica está presente, sendo possível dar contorno, limite ao gozo. É não-todo fálico, mas sem deixar de o ser – diz-se com *não-todo* apenas que esse modo de gozo produz um *a mais* excedente ao gozo fálico do significante.

Verifica-se que nos dois modelos descritos acima há uma regulação do gozo a partir da significação fálica. A psicose, no entanto, seria uma estrutura que se distingue da neurose e da perversão justamente por dar-se pela ausência do significante que engendraria tal significação⁴. Sendo assim, a significação fálica não é acessada pelo sujeito, de modo que não lhe é possível se posicionar nem de um lado, nem de outro, no que diz respeito à sexuação. O gozo permanece deslocalizado, e, sendo alheio às possibilidades simbólicas do sujeito, vêm de fora, do Outro, fragmentando a imagem do corpo e levando aos fenômenos de despersonalização. Estes incluem a objetificação do sujeito ante o Outro, exemplo da alienação do eu observada no estádio do espelho – para o psicótico, na falta de uma identificação simbólica, pode servir-se apenas de “bengalas imaginárias”.

É nesse contexto que Lacan vai falar do *efeito* de Empuxo-à-Mulher, “efeito sentido como de forçamento para o campo de um Outro” (1973, p. 466) – Outro absoluto, no qual o sujeito ameaça se extinguir, já que aquele não comporta em si a inscrição da falta. Na impossibilidade de se colocar pela via do simbólico como *todo* ou *não-todo* fálico, o psicótico fica como que fora da partilha sexual, e o empuxo é um movimento do sujeito para se posicionar diante do Outro quando se confronta com uma questão existencial na qual a falta inerente de significação demanda um significante. Questões como aquela sobre o sexo e seu papel nele, respondida pelos neuróticos a partir da cultura, da onde recebem o significante capaz de produzir a significação fálica. Com o empuxo, como veremos nos casos que serão abordados mais adiante e já evidenciado no caso Schreber, o psicótico, por essa não inscrição na ordem simbólica, pode sentir-se deslocado à uma posição equivalente à de exceção que não existe no lado *não-todo* da sexuação. Posição, na emasculação forçada de Schreber, d’“A Mulher de Deus”.

³A posição simbólica da exceção equivale ao “pai morto” substituído pelo totem no mito freudiano de *Totem e Tabu* (FREUD, 1913), ou seja, o lugar simbólico a partir do qual as leis da linguagem mediam e normalizam a relação entre as pessoas de uma determinada cultura – o terceiro do triângulo edípico como estrutura intersubjetiva.

⁴Nomeia-se essa operação como *foraclusão* (LACAN, 1958a), que é o ato de abolir uma determinada representação do universo simbólico do sujeito. No caso do significante em questão, diz-se que o psicótico *foraclusiu* o Nome-do-Pai.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: Caso D.

3.1 Homossexualidade e Transexualidade

D. é usuário de um CAPS II na cidade de Florianópolis. O mais novo entre três filhos, vive com a mãe e o irmão do meio, sempre presentes em suas visitas quase diárias ao equipamento. Já bem integrado ao serviço e à convivência com os demais usuários, é uma figura conhecida da casa em questão, onde costuma, por sua espontânea e despreziosa sabedoria, ser uma das figuras favoritas dos estagiários de psicologia que por ali circulam. Hoje com 27 anos, sua risada solta e seu olhar inquisitivo e curioso lhe dão um charme peculiar do tipo que apenas as crianças costumam ser capazes de exercer – e então, quando menos se espera, enuncia alguma frase de tamanha sensibilidade e inteligência que não pode deixar de estarrecer seus ouvintes.

Um detalhe, porém, costumava atrapalhar sua convivência com os outros. D. sente com frequência o ímpeto de se vestir e se maquiar como mulher (ou da forma como ele compreende o que seja uma mulher). Não apenas se vestir, na verdade, como também desenhar repetidamente uma mesma figura feminina. Quase sempre maquiada, com o corpo disforme e os seios à mostra mesmo quando vestida, ela é desenhada com traços agressivos que por vezes rasgam o papel. Esses comportamentos garantiram à D. o horror e embaraço de sua mãe, assim como a zombaria de outros usuários. Tomado de vergonha, sua atitude padrão era amassar e jogar seus desenhos lixo.

Logo ocorreu a alguns que D. poderia ser homo ou transexual. Uma suposição que seria comum mesmo entre psicanalistas, considerando, como já citado, as limitações do próprio Freud em sua análise de Schreber. Ainda que comum, no entanto, a incapacidade de distinguir o empuxo-à-Mulher de outros modelos com os quais categorizamos identidades sexuais tende a ser prejudicial. Como afirma Balbi (2008, p. 5): “Essa confrontação pode ser devastadora para o psicótico, como atestam as vozes ouvidas pelo paciente” - vozes que o condenam persecutoriamente, por exemplo, por sua suposta homossexualidade.

Seria até mesmo contraditório ao entendimento lacaniano da psicose incluir nessa estrutura a possibilidade de homo ou heterossexualidade verdadeiras, posto estas estarem relacionadas à dinâmica das identificações simbólicas. Balbi (2009, p. 8) conclui que “se a castração não opera, não podemos falar de escolha homossexual porque esta de fato se dá como uma das posições possíveis frente à função fálica”.

Em relação a experiência trans, há quem no campo da saúde mental e da psicanálise associe diretamente a psicose, embora tal inter-relação ignore uma série de sutilezas que precisam ser levadas em conta ao conjecturar sobre a estrutura de um determinado sujeito. Em primeiro lugar, o próprio termo “transexualidade” sofreu transformações conceituais ao longo do tempo que nos fazem questionar, ao ler um autor não contemporâneo utilizando tal palavra, se estamos ainda nos referindo ao mesmo fenômeno. Quando Lacan, por exemplo, se refere ao transexual, fala de alguém que “demonstra um desejo muito enérgico de passar, seja por que meio for, para o sexo oposto” (LACAN, 1971, p. 30). O dicionário de inglês da Universidade de Cambridge possui duas definições para a palavra *transsexual*, uma delas fala do “termo usado para descrever uma pessoa que passou por tratamento médico para mudar seu sexo”. É a definições como esta que se remetem muitos autores. Ser transexual nesse entendimento está diretamente relacionado ao desejo ou ato de modificar a anatomia por meio cirúrgico e/ou medicamentoso, fazendo parecer que o transexual chega mesmo a mudar de sexo, o que justifica o prefixo *trans*.

A segunda definição do dicionário, no entanto, é mais atual, e diz de alguém que “sente não pertencer ao mesmo gênero que o corpo com que nasceu”. Essa definição se diferencia da anterior por não aludir a um procedimento material, mas a uma experiência de ser subjetiva. Muitos e muitas transexuais, ao contrário do que nos aponta Lacan quando trabalha com a definição de seu tempo, não possuem necessariamente o desejo por modificar sua genitália através de cirurgia, ansiando apenas serem vistos pelo Outro da mesma forma que se veem, ou seja, demandam reconhecimento social – sendo a ausência deste, e não a forma específica de seu corpo, a causa principal de seu incômodo. A transexual feminina, por exemplo, vive a experiência subjetiva de ser mulher com ou sem cirurgia e esse sentimento se sustenta antes e depois desta, caso ocorra. Logo, ironicamente, o/a transexual nunca chega a mudar de sexo – é o psicótico no empuxo-à-Mulher o único que de fato é capaz de atravessar o limite dos sexos no seu sentido mais profundo, que é o psíquico.

Barbosa (2017) em seu estudo sobre o tema diz: “não encontramos substratos suficientes para definir a transexualidade enquanto um fenômeno próprio do campo das psicoses” (p. 98), reiterando que “mesmo que as psicoses, através da noção de empuxo-à-Mulher, possam se aproximar à transexualidade em alguns casos, ambos não são, necessariamente, correspondentes” (p. 87), o que acentua, quanto a sexualidade, o requerimento de se atentar ao singular.

3.2 O Nome-de-Dara

Em 2015, D. passou a fazer parte do grupo de teatro que funciona no espaço do CAPS. Seu interesse em vestir-se de mulher (que vinha desde 2007, segundo ele) encontrou ali, na experiência teatral, acesso à roupas, perucas e maquiagens, além de ter lhe permitido de forma legitimada ser por alguns instantes outra pessoa. Se encontrava em um lugar onde podia imaginar e existir sem a censura com a qual estava habituado e essas experimentações resultaram, um ano depois, no nascimento de Dara. A Mulher na qual de tempos em tempos ele se via tornar-se agora tinha um nome e era reconhecida pelos outros atores. Nas suas palavras: “Eu criei ela no teatro, com uma cumplicidade do teatro, uma simplicidade”. Se antes a Mulher podia lhe invadir e desestabilizar sua identidade, com Dara e o teatro, D. claramente exercia algum controle sobre o processo. Podia ser tão simples quanto tirar e pôr uma peruca. “(Sei que sou o D. quando) tiro a peruca, quando tiro o que veste ela, as plumas, o paetê, o batom, a maquiagem, a base, a sombra...”. O nome Dara, para ele, significa “luz, luz viva, dom especial para encantar as pessoas, fazer rir, fazer chorar”.

É interessante que para D. ser mulher está diretamente ligado a característica puramente imagéticas, elementos associados culturalmente ao feminino (batom, sombra, etc.). Isto nos remete ao que diz Balbi (2008, p. 4): “Na clínica, encontramos essa impossibilidade do psicótico de simbolizar a diferença sexual pela norma fálica. Ele se esbarra a cada encontro com a necessidade de indutivamente ir diferenciado cada tipo por traços imaginários (...) sem jamais chegar ao símbolo que indexaria a diferença”. D. interroga as pessoas que ganham sua confiança com a constante dúvida: “Isso (se referindo a um objeto qualquer) é de homem ou de mulher?” - eis um mistério que lhe é sempre atual.

Seus desenhos mostram ainda que os seios são um outro elemento com o qual define A Mulher. Apesar de também incluir seios ou mamilos sempre aparentes nas figuras masculinas, eles são bastante inferiores se comparados a seus pares femininos. Sobre essa relação masculino/feminino, já revelou o desejo de montar no teatro uma cena de strip-tease com itens “sodomasoquistas”, como o chicote, na qual ele pudesse interpretar simultaneamente a mulher e o homem.

No carnaval de 2016, aponta a sensação incômoda que experimentou quando alguns estagiários o “montaram de drag queen”; “Os rapazes ficaram me explorando muito, só gravando cena”. Podemos supor que sua vivência de Dara passou a receber muitas interferências externas sem que um cuidado clínico fosse levado em consideração. Seu comportamento em relação aos adereços “femininos” começou a apresentar um caráter de compulsão. Discutia com a mãe e exigia dinheiro para poder adquirir mais perucas ou maquiagens, sendo que rapidamente cortava com tesouras ou danificava as que já possuía, em atitudes impulsivas pelas quais se lamentava posteriormente, afirmando não ter conseguido “se controlar”. A mesma ânsia apareceu quando comprou seu primeiro celular em julho daquele ano, aparelho que usava para se fotografar enquanto Dara com o intuito de observar-se ou publicar em redes sociais.

Eventualmente, a tensão entre D. e sua mãe culminou em um confronto físico. “Eu tava com suores, suando muito, muito dopado dos remédios, tava agressivo, quebrei uma janela, parece até que bati na mãe, alguma coisa assim, parece que eu bati no rosto, contei lá pra pessoa do SAMU e eles me internaram na hora. É sempre por causa do bendito do dinheiro, nas vezes quando é maldito”. D. ficou internado por 22 dias no hospital psiquiátrico da cidade, onde foi alterada a medicação que já vinha consumindo. No relato de sua mãe sobre o dia da internação, ela diz que “O Dr. achava que não precisava internar, mas os remédios não estavam fazendo efeito. Tomava remédios e injeção de Aldol, mas não resolvia, não acalmava, não voltava ao normal. Tava agressivo, quebrando coisas em casa, quebrou a janela, correu pra fora”. No seu julgamento, o filho saiu “muito bem” do hospital.

3.3 Dara, a musa. D., o artista.

Junto a outros usuários do mesmo CAPS, D. passou, no início de 2017, a fazer parte de um grupo organizado através de uma faculdade e cujo foco dos encontros são oficinas de arte, onde predomina a ausência de sugestão. Lá, pelo teor das atividades, sua aproximação de Dara voltou a priorizar a via dos desenhos. Se antes jogava os desenhos no lixo, agora os membros do grupo passaram a guardá-los como presentes, os valorizando e nomeando como “obras de arte”, o que logo teve o efeito de mudar a atitude de sua mãe em relação às vontades do filho, de repressora para tolerante. Quando questionado de porque não costuma desenhar homens, respondeu: “já desenhei homem, a genitália, mas não gosto de desenhar *isso*”. Tal *isso*, diga-se, não lhe parece possuir uma função muito importante. Em atividade com o grupo, recortou de uma revista a figura de uma estátua de Davi e, dobrando o papel, recortou-lhe o pênis. Permaneceu com a figura da estátua, agora com um furo no meio, para usar na sua colagem, e entregou o pequeno quadrado com a imagem do pênis para uma estagiária. “*Isso* tava atrapalhando”.

Em conversas com a mãe de D., foi possível obter algumas informações mais detalhadas sobre sua história, onde aparece a figura do pai. Este faleceu de câncer no ano de 2007, mesmo ano que D. situa como o início do que sentia como uma necessidade, um forçamento, em se vestir de mulher – o que nos faz lembrar as “bengalas imaginárias” descritas por Lacan, cuja consequência da falha é o desencadeamento da psicose (com sua possível guinada ao empuxo-à-Mulher). A mãe conta que pai e filho eram “muito grudados” e descreve o dia de seu falecimento da seguinte forma: “Faleceu em casa. Tava doente, foi para o posto, voltou, começou a vomitar, estava querendo ir. Ficou chamando o D. pra se despedir, o vizinho ajudou, D. chegou 15 minutos depois (da morte). No que ele passou pelo quarto, viu. Desvaredeu, se apavorou, queria sair correndo”

Até a escrita desse texto, D. não foi internado novamente, embora os efeitos colaterais da medicação lhe sejam evidentes: “os remédios estão me matando, estou morrendo aos

poucos”, disse quando se encerrava uma oficina. A principal mudança no seu discurso sobre Dara é que a nomeia agora como sua “musa” e, em relação a si mesmo, nomeia-se “O Artista”, lugar a partir do qual é prontamente reconhecido pelos demais. “Ela é especial, minha musa”; “É meu refúgio, a minha ponte que eu cruzo, a minha ponte que eu levanto e atravesso essa ponte sem medo de cair”; “Ela me ajuda a me aceitar como homem, me ajuda a ser um cara”. Apesar das promessas (ou ameaças) de tirarem-lhe a Dara “do corpo”, feitas pelos pastores das igrejas em que sua mãe o leva, D. ainda “cruza a ponte” entre os sexos, não hesitando em se vestir de Dara e explorar a personagem quando surge a oportunidade. Parece, porém, ter avançado na construção de seus próprios limites, no que diz respeito aos contornos de sua identidade e do seu corpo imaginário e, em consequência, de seu gozo. D. tenta com Dara responder ao dilema da sexuação, e o vive de uma forma que é inteiramente sua.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Na clínica das psicoses, uma vez que o empuxo se apresenta, surge aí, mediante um trabalho específico a ser realizado pelo próprio sujeito, uma oportunidade de estabilização. É possível aproveitar a pressão e o movimento do empuxo para direcionar-se rumo à reconstrução daquilo que se encontra mais fragilizado na psicose, a posição simbólica do sujeito e o laço social que dela depende, com seus efeitos na regulação do gozo. O que Freud descreve como a retirada das catexias libidinais dos objetos (1911), e que em Schreber repercute em uma sensação de “fim do mundo”, decorre desse *déficit* simbólico na relação com o Outro que a forclusão acarreta. É nesse sentido que o empuxo-à-Mulher pode ter a função de suplência.

Almeida (2015), em sua análise de casos de paranoia, constata que eles “permitem concluir que o empuxo-à-Mulher pode apresentar-se como instrumento de limitação e proteção contra o gozo” (p. 20), e concordam com ele uma série de outros pesquisadores que se debruçaram sobre o tema, como Richa (2006), Balbi (2008), Gama e Bastos (2010), Riguini e Marcos (2017), entre outros. Ainda assim, é crucial observar que Schreber, no início da manifestação do empuxo, experimenta sua outra via, que é justamente a de uma irrupção de gozo tomada pelo sujeito como invasiva e desestabilizadora. O mesmo se observa em D. no período anterior a sua internação (“ficavam me explorando muito”). Deve-se estar ciente, portanto, que “existem duas vertentes do empuxo: uma mortífera, que implica um gozo desmedido, e outra apaziguante, na medida em que contribuiria como proteção a esse gozo” (GAMA E BASTOS, 2010, p. 154). Cabe compreender que tipo de condução clínica deve ser utilizada e o que está em jogo no trabalho que o sujeito pode realizar para encontrar a estabilização via empuxo-à-Mulher.

Como já situado, na sexuação do neurótico, o desejo enigmático do Outro passa por um processo de metaforização. Há como em qualquer metáfora a substituição de um termo por outro, produzindo um velamento; nesse caso, um dos termos representa o falo e o outro termo representa o Nome-do-Pai, que se sobrepõe ao falo, velando-o. É aqui que, para o neurótico, se inaugura a dimensão da metáfora no discurso, discurso que passa à, dividido, situar-se simultaneamente no nível do enunciado, fala vazia, e da enunciação, fala plena (de desejo). Observamos também que os dois termos correspondem aos dois tipos de identificação acessíveis ao sujeito, imaginária e simbólica.

Se o fracasso dessa metáfora é o que estrutura a psicose, cabe a qualquer trabalho que vise a estabilização possibilita-la de algum modo. Essa é a criação inédita a que tende o psicótico, e tanto mais facilmente o faz, quanto mais suporte obter de uma testemunha, um *secretário*, que é o papel que cabe ao profissional (LACAN, 1958a). Sobre o processo de estabilização de Schreber, podemos entender que “encontramos na solução delirante construída um enodamento que tenta amarrar os três registros da experiência do sujeito: Ser a mulher de

Deus – supre a significação fálica, no imaginário; procriar uma nova raça – supre a função do pai no simbólico; e se permitir uma parcela de gozo – reequilibra a economia do gozo” (BALBI, 2008, p. 5). Em comparação, no caso D., é possível contemplar a hipótese de que Dara pode suprir a elisão da significação fálica no imaginário, e que a posição do Artista, um criador que realiza sua obra para os outros, pode suprir sua elisão no simbólico. Se a Mulher que o psicótico inventa pode sustentar uma significação fálica, resta para isso que na sua criação estejam presentes certos elementos que aparecem na função do significante Nome-de-Pai, assim recriando e reunindo os dois termos da metáfora; a *Mulher e Deus*, a *Musa* e o *Artista*.

Antes de tudo, o Nome-do-Pai tem um efeito de nominação que, em um duplo movimento, representa o sujeito como uma singularidade reconhecida pelo Outro e o encaixa em uma linhagem, uma cadeia significativa que o ultrapassa. O nome está relacionado ao registro do sujeito na dimensão simbólica, localizando-o em uma estrutura que o antecede, como as relações de parentesco. O empuxo-à-Mulher deve ter um efeito análogo, ou seja, um “tratamento *significante* do gozo. (...) Na ausência do Nome-do-Pai, deve tratar de servir-se dele enquanto função de nominação” (HENRIQUES, 2010, p. 11), o que significa oferecer um lugar simbólico a partir do qual o sujeito possa ser reconhecido pelo Outro em sua singularidade, criando uma alternativa à posição de objeto – como coloca Westphal, “o nome extrai a criança da prisão ligada à troca de olhares” (2015, p. 22). É o que reconhece também Riguini e Marcos (2017) quando dizem que “em Schreber, esta inscrição depende de um longo processo que, via metáfora delirante, tem a função de uma nominação” (p. 150). O profissional deve acompanhar a construção pelo psicótico desse lugar, reconhecê-lo a partir dali e criar as condições para que esse reconhecimento ocorra também pelas outras pessoas, que é o que tenta conseguir Schreber com seu apelo aos tribunais, e o que D. conseguiu através do grupo.

Além disso, como vimos, o Nome-do-Pai tem o efeito de um Ideal que fundamenta a identificação à nível simbólico e que está ligado a posição da exceção que marca a diferença sexual. Não se trata, afinal, de qualquer nome. A presença do Ideal no empuxo-à-Mulher é fundamental para que seja estabilizante, o que se evidencia quando lembramos que, muito diferente de quando seria abusado pelo médico em um gozo sem propósito, “como mulher de Deus, Schreber acredita estar cumprindo um papel fundamental para a salvação da humanidade. A sua emasculação não é mais concebida como uma calamidade, uma arbitrariedade, mas 'consoante com a Ordem do Mundo” (RICHA, 2006, p. 122). Isto é, “a Mulher vem para ele no lugar do Ideal do Eu” (SOLER, 1991, p. 135). É essencial que o psicótico construa o Ideal na experiência do empuxo porque este é inalcançável – Schreber nunca termina sua transformação em Mulher de Deus, D. nunca termina sua transformação em Dara⁵ – e porque, sendo o Ideal na psicose construído pelo próprio sujeito, comporta a possibilidade de preservar o laço social. Sendo assim, ao dar um ponto limite assintótico ao movimento do empuxo, contorna-se o caráter mortífero do excesso de gozo, e ao ajudar o sujeito a aceitar sua condição, contorna-se seu caráter invasivo.

Gama e Bastos (2010) apontam ainda uma relação possível entre erotomania, que descrevem tendo como característica principal o “fato de que a iniciativa parte sempre do Outro, nunca do sujeito, que se descobre apassivado no amor de que é objeto” (p. 150), e o empuxo-à-Mulher. Em Schreber, por exemplo, surge na experiência do empuxo a erotomania em relação a Deus, que o escolhe como sua mulher. No caso D., podemos entrever um indício de erotomania quando descreve Dara como a mulher que “encanta a todos”. Os autores sustentam

⁵A completude do processo de emasculação de Schreber fica postergada tal qual a completude que o neurótico almeja pela sexuação. Sendo assim, em nenhum dos dois casos se efetiva o fazer-se Um com o Outro, o que equivaleria a um tipo de morte.

que “a erotomania *platônica* é um modo de proteção contra o gozo” (GAMA E BASTOS, 2010, p. 152), o que cria a possibilidade de que possa em alguns casos singulares criar um efeito de contenção que opera a favor da estabilização pelo empuxo.

Por último, deve-se também levar em consideração a relação do psicótico com seu corpo. O corpo que interessa aqui, assim como para a compreensão de boa parte dos fenômenos da neurose, é o corpo imaginário, imagem do corpo próprio, que não obedece necessariamente à biologia com suas funções e proporções, mas à realidade fantasmática do sujeito - suas fantasias. Se a experiência de ter seu corpo transformado em Outro pode ser aflitiva para o psicótico, é possível recorrer, como acontece com D., à criação de um corpo Outro que atraia para si parte da pressão do empuxo. Trata-se do corpo que D. cria nos desenhos. A criação inédita do psicótico, sua metáfora singular, não precisa necessariamente tomar o corpo do sujeito como meio, podendo também ser incorporada em um artefato.

Essa perspectiva é compartilhada por Riguiñi e Marcos (2017) na sua análise de Hans Bellmer, artista plástico alemão, que embora possuindo uma série de características que apontam para uma estrutura psicótica, nunca experimentou o desencadeamento, nem mesmo precisou para isso recorrer a terapias, psicofármacos ou internação. Hans Bellmer iniciou sua carreira artística com o plano de inventar “A Boneca”, tema a que se dedicaria profundamente durante toda a vida. “A primeira boneca inventada por Bellmer tem o dorso e a cabeça feitos com armações ocas de madeira: duas pernas e dois braços compostos com cabos de vassoura, metal, louça, parafusos, etc.” (RIGUINI E MARCOS, 2017, p. 137). Bellmer cria modelos cada vez mais avançados de sua Boneca e passa a fotografá-los; trata-se da invenção de um “corpo fora do corpo que dá forma ao corpo despedaçado”, cujo resultado lhe garantiu fama e reconhecimento entre os surrealistas franceses. Os autores nos dizem que “ao tentar fazer coincidir corpo real e corpo erógeno, assim como aparece por vezes nos sonhos, Bellmer, com suas bonecas, representa o avesso do corpo geometrizado, circunscrito a limites e medidas”.

Ainda como outro exemplo, Menard (2015) relata o caso de um jovem chamado Dominique. A obsessão de seu paciente é com a heroína que criou para um mundo de histórias em quadrinhos e que é uma messias que precisa salvar a humanidade. Nas obras, “uma agressividade é investida onde a tortura, a devoração e o assassinato têm livre curso. É aí que está a Mulher, heroína principal onde se reencontra o empuxo-à-criar e o empuxo-à-Mulher” (MENARD, 2015, p. 6). Reiterando a ideia de que o empuxo não é uma solução para todos, Menard, quanto à estabilização, acredita que “Dominique ainda não chegou lá, ele se encontra na angústia da irrupção do gozo no real, com o qual ele é tomado sem ter encontrado um apoio suficiente em suas produções criativas para fazer barreira ao gozo” (2015, p. 9).

Fica claro, portanto, que o que o empuxo-à-Mulher tem de organizador e o que tem de disruptivo deve, de modo geral, ao quanto ele preserva ou deteriora o laço social, possibilitando ou não a contenção de gozo. Caso seja conduzido pelo empuxo à posição de objeto do Outro, sem que os elementos citados possam promover a contenção, observar-se-á seu aspecto devastador que levou Schreber, e D., à internação. Trata-se de se utilizar do empuxo para emergir na posição de sujeito, tomando a Mulher como Nome-do-Pai.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o conceito de empuxo-à-Mulher é possível pensar uma hipótese do caso D. associando-o à estrutura psicótica, da qual podemos tomar Schreber como paradigma. O início do empuxo, nessa hipótese, teria surgido como um primeiro efeito da fragilização no esquema de identificações imaginárias de D., quando da morte do pai, e precipitava a desestabilização por sua posição conflitiva com o contexto – o horror da mãe, as interferências religiosas, a reprovação dos semelhantes, etc. - e pela falta de possibilidades de suplência que ainda

precisavam ser construídas pelo sujeito. Eventualmente, pela via do teatro, experiência possibilitada por sua convivência no equipamento do CAPS II, D. pôde estruturar delirantemente o empuxo de modo a, sinalizado pela emergência de um nome – Dara – abrir a possibilidade de que ele suprisse sua carência simbólica, o que Schreber precisou fazer sozinho enquanto se encontrava internado na clínica psiquiátrica.

Embora esse avanço tenha sido obtido por D., a falha em acomodar o empuxo de modo que preservasse o laço social levou justamente ao desencadeamento e à internação. De todo modo, a partir dessa base, D. pôde com o tempo complementar o quadro com determinados elementos cuja emergência foi facilitada por sua presença no grupo terapêutico e por sua relação com a arte, o que culmina na construção das posições d'O Artista e d'A Musa. Nesse modo de pensar o caso, tais movimentos teriam produzido um efeito estabilizador, em última análise, por sua capacidade de contenção ou estruturação do gozo.

Em relação aos elementos chaves no processo, baseado na leitura de Lacan e nos trabalhos pesquisados para esse estudo, concluímos que se centram principalmente na capacidade de nominação (“Dara”), que corresponde a primeira etapa do caso, e, na segunda etapa, o estabelecimento do Ideal (“O Artista, A Musa”) como ponto de nó no laço social ou, de modo correspondente, como amarração entre o imaginário e o simbólico. Paralelamente, também podemos entender que outros dois elementos importantes no caso foram os recursos da erotomania platônica, solução proposta por Gama e Bastos (2010), e da utilização do corpo fora do corpo, como dizem Riguini e Marcos (2017), este último possibilitado pela via dos desenhos.

Observamos nessa leitura pontos comuns a toda clínica da psicose: a importância de que se crie espaços em que o sujeito tenha liberdade para construir à sua maneira delirante suplências simbólicas capazes de posicioná-lo diante do Outro; a utilidade da arte nos processos que envolvem uma ordenação imaginária ou simbólica; e a necessidade do profissional de não encarnar o Outro, não classificando o sujeito com rótulos que servem para os neuróticos, mas ocupar a posição de secretário ou companheiro, que facilite a construção singular do psicótico no contexto em que ele habita. Gostaríamos de acentuar também a importância que a clínica ampliada, em rede e no território, teve para esse caso, implicando ali o sujeito dentro do contexto de suas relações sociais, onde é possível que ocorra uma estruturação mais sólida, um nó mais confiável, que o garanta como sujeito.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Yzabelle dos Anjos (2015). **A psicose e o empuxo-à-mulher**: considerações preliminares apoiadas em casos de paranoia. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.
- BALBI, Letícia Martins (2008). **Psicose: da tendência homossexual ao empuxo à mulher**. In III congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, 2008, Niterói. Disponível em <http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/d_a_tendencia_homossexual_ao_empuxo_a_mulher.pdf>. Acesso em: 21 maio. 2019.
- BARBOSA, Lauro (2017). Considerações sobre o falo e as psicoses. **Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v.15, n. 1, julho 2017.
- FREUD, Sigmund (1911). **Notas psicanalíticas sobre o relato autobiográfico de um caso de paranoia**. In *Edição standard das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund (1913). **Totem e Tabu**. In *Edição standard das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In *Edição standard das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GAMA, Vanessa Campbell da; BASTOS, Angélica (2010). A feminização na psicose: empuxo-à-mulher e erotomania. **Psic. Clín.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 1, p. 141-156, 2010.
- HENRIQUES, Rogério da Silva Paes (2010). **A psicose e seus modos de sexuação**. In IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2010, Curitiba. Disponível em <<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=113818&key=351d64d714ffe9bf325be9598ed57b8d>>
- LACAN, Jacques (1958a). De **uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose**. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques (1958b) **A significação do falo**. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques (1966) **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques (1973) **O aturdido**. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LACAN, Jacques (1956/1957) **O seminário: livro 4**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- LACAN, Jacques (1972/1973) **O seminário: livro 20**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques (1971) **O seminário: livro 18**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MENARD, Augustin (2015). Da histeria masculina ao empuxo-à-mulher da psicose: clínica diferencial da histeria e da psicose. **Opção Lacaniana Online**, v. 6, n. 17, julho 2015.

RICHA, Claudia Mara Oliveira (2006). Efeitos do encontro com o sexual na psicose: um estudo de Freud a Lacan. **Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p. 86-130, junho 2006.

RIGUINI, Renata Damiano; MARCOS, Cristina Moreira (2017). Hans Bellmer e a invenção da boneca: o empuxo-à-mulher e a construção de um corpo fora. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Rio Grande do Sul, v. 24, n. 1, p. 135-154, abril 2017.

SOLER, Colette (1991). **Artigos Clínicos**. Salvador: Fator, 1991.

WESTPHAL, Laure (2015). O transexualismo como suplência na psicose. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, janeiro/junho 2015.